



FOTO: CICERO RODRIGUES

O paradoxo da obesidade tem intrigado os cientistas, que se esforçam para buscar uma explicação.

A provalada neutralidade do método científico nem sempre se faz valer quando visões opostas entram em conflito. Quando dados são interpretados de modos distintos, o debate pode ser caloroso e não necessariamente frio e objetivo como requer a utópica busca da verdade. Isso ocorre porque é comum cientistas se engajarem intelectualmente em certas hipóteses ou teorias, especialmente quando são os seus autores, apesar da existência de fatos contraditórios.

Um caso em pauta é a recente polêmica entre Katherine Flegal, epidemiologista do Centro Nacional de Estatística em Saúde dos Estados Unidos, e Walter Willett, nutricionista e epidemiologista da Universidade Harvard, naquele país. Essa disputa, comentada por Virginia Hughes na revista científica *Nature* (23/5/2013), começou quando um grupo liderado por Flegal analisou 97 estudos, que envolveram quase 3 milhões de pessoas, e descobriu que os indivíduos acima do peso tinham 6% a menos de probabilidade de morrer do que os com peso normal. Willett reagiu visceralmente a essa interpretação e declarou que o trabalho era muito ruim, com dados confusos e, sobretudo, contrários a tudo o que se conhece em saúde pública. Os resultados também negam décadas de campanhas públicas que enfatizam o controle cuidadoso do peso.

A análise de Flegal e colegas acompanha estudos de muitos pesquisadores, de diversas áreas, que descrevem o chamado 'paradoxo da obesidade'. Esse fenômeno envolve doenças como infarto do miocárdio, insuficiência cardíaca, doença renal, diabetes e outras. Em todas, há uma correlação que sugere maior risco de morte em indivíduos com o índice de massa corporal (IMC) menor que o normal (os magros) ou bem maior (os obesos). As pessoas situadas no grupo de IMC pouco além do normal – ou seja, em posição intermediária – gozam a vantagem da sobrevida.

O paradoxo da obesidade tem intrigado os cientistas, que se esforçam para buscar uma explicação. A hipótese mais hegemônica é a de que os indivíduos acima do peso teriam uma reserva energética maior que a dos magros e esta seria usada para enfrentar a doença. Apesar de razoável, esse argumento não convence a todos. No entanto, os estatísticos parecem ter matado a charada.

Em carta publicada na revista científica *Epidemiology* (v. 24, p. 461, 2013), Hailey R. Banack e Jay S. Kaufman ponderaram que resultados como o paradoxo da obesidade surgem quando há algum 'viés de seleção' (um critério de coleta de dados que exige controle adequado) em trabalhos epidemiológicos. Para os leitores que queiram saber mais sobre o viés de seleção, vale ler um texto simples publicado por Stephen Cole e outros no *International Journal of Epidemiology* (v. 39, p. 417, 2010). É curioso notar que uma solução para o problema, proposta por esses estatísticos, tenha sido ignorada pelos protagonistas do debate.

Banack e Kaufman revelaram um erro embutido no método usado na ampla revisão de estudos. Em outras palavras, um artefato operacional, o que não deixa de ser embaraçoso. O mais grave, porém, foi o fato de Willett, após a investida inicial contra Flegal, acrescentar que seus resultados, se mal interpretados, poderiam confundir médicos e pacientes. E dizer ainda que, entre os perigos trazidos por esses resultados, estava a possibilidade de que a poderosa indústria de alimentos distorcesse as conclusões para reduzir um pouco a culpa dos comilões e, assim, garantir um mercado cada vez maior.

Isso causou desconforto entre outros cientistas, que vislumbraram nas afirmações de Willett uma tentativa, ou sugestão, de ocultar os resultados de Flegal. Não é assim que cientistas deveriam trabalhar. O essencial é cultivar a verdade, mesmo que – como defendia o filósofo da ciência Karl Popper (1902-1994) – esta nunca seja alcançada. **CR**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de
Bioquímica Médica,
Universidade Federal
do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br